



**Processo nº** 16366.001194/2007-36  
**Recurso** Especial do Contribuinte  
**Acórdão nº** 9303-009.993 – CSRF / 3<sup>a</sup> Turma  
**Sessão de** 22 de janeiro de 2020  
**Recorrente** EXPORTADORA E IMPORTADORA MARUBENI COLORADO LTDA  
**Interessado** FAZENDA NACIONAL

**ASSUNTO: CONTRIBUIÇÃO PARA O FINANCIAMENTO DA SEGURIDADE SOCIAL (COFINS)**

Período de apuração: 01/04/2007 a 30/06/2007

PIS E COFINS. REGIME NÃO CUMULATIVO. CRITÉRIO DA ESSENCIALIDADE E RELEVÂNCIA. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE INSUMOS À LUZ DOS CRITÉRIOS DA ESSENCIALIDADE OU RELEVÂNCIA.

O Superior Tribunal de Justiça (STJ), no julgamento do REsp nº 1.221.170 - PR (2010/0209115-0), pelo rito dos Recursos Repetitivos, decidiu que o conceito de insumo deve ser aferido à luz dos critérios da essencialidade ou relevância, considerando-se a imprescindibilidade ou a importância de determinado item - bem ou serviço - para o desenvolvimento da atividade econômica desempenhada pela Contribuinte.

CRÉDITOS. NÃO CUMULATIVIDADE. DESPESAS INCORRIDAS SEGUROS PARA ARMAZENAGEM DE MERCADORIAS. IMPOSSIBILIDADE.

Despesas de seguros na armazenagem de mercadorias não são insumos do processo produtivo, pois são arcadas após o seu encerramento.

RESSARCIMENTO. CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS NÃO CUMULATIVAS. CORREÇÃO MONETÁRIA. IMPOSSIBILIDADE.

No resarcimento da COFINS e da Contribuição para o PIS não cumulativas não incide correção monetária ou juros, nos termos dos artigos 13 e 15, VI, da Lei nº 10.833, de 2003.

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos.

Acordam os membros do colegiado, por unanimidade de votos, em conhecer do Recurso Especial e, no mérito, por voto de qualidade, em negar-lhe provimento, vencidos os conselheiros Demes Brito (relator), Tatiana Midori Migiyama, Walker Araújo (suplente convocado) e Vanessa Marini Cecconello, que lhe deram provimento parcial. Designado para redigir o voto vencedor o conselheiro Andrada Márcio Canuto Natal.

(documento assinado digitalmente)  
Rodrigo da Costa Pôssas - Presidente em exercício

(documento assinado digitalmente)  
Demes Brito - Relator

(documento assinado digitalmente)  
Andrade Márcio Canuto Natal – Redator designado

Participaram do presente julgamento os Conselheiros: Andrade Márcio Canuto Natal, Tatiana Midori Migiyama, Luiz Eduardo de Oliveira Santos, Demes Brito, Jorge Olmiro Lock Freire, Walker Araújo (suplente convocado), Vanessa Marini Cecconello, Rodrigo da Costa Pôssas (Presidente em exercício). Ausente a conselheira Érika Costa Camargos Autran.

## Relatório

Trata-se de recurso especial de divergência, interposto pelo sujeito passivo, ao amparo do art. 67, do Anexo II, do Regimento Interno do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais – RICARF, aprovado pela Portaria MF nº 343/2015, em face do Acórdão de Recurso Voluntário nº **3402-001.654**, julgado na sessão de 14 de fevereiro de 2012, ementado da seguinte forma:

*CONTRIBUIÇÃO PARA O FINANCIAMENTO DA SEGURIDADE SOCIAL – COFINS*

*Ementa:*

*DESPESAS COM SEGUROS PARA ARMAZENAGEM DO PRODUTO. NÃO CUMULATIVIDADE. INSUMOS.*

*Os custos com a taxa de seguro decorrentes das despesas de armazenagem geram créditos dedutíveis do PIS e da Cofins não-cumulativos, desde que suportados pelo adquirente.*

***INDENIZAÇÃO DE SEGURO. BASE DE CÁLCULO.***

*Integra a receita bruta para efeito de cálculo da contribuição o valor recebido por pessoa jurídica a título de indenização de sinistro por roubo de mercadoria destinada à exportação.*

***NÃO CUMULATIVIDADE. RESSARCIMENTO DE SALDO CREDOR. ATUALIZAÇÃO MONETÁRIA E JUROS.***

*O artigo 15, combinado com o artigo 13, ambos da Lei nº 10.833, de 2003, vedam expressamente a aplicação de qualquer índice de atualização monetária ou de juros para este tipo de ressarcimento. (Grifei).*

Ao Recurso Especial da Contribuinte, em Exame de Admissibilidade (fls.624 a 629), foi dado seguimento para que seja rediscutida as seguintes matérias:***1 - possibilidade de atualização monetária e juros no ressarcimento de saldo credor de PIS e COFINS não-cumulativos; 2 – possibilidade ou não dos valores de indenização de seguros (sinistro roubo de carga) integrarem a base de cálculo da COFINS.***

A PGFN apresentou Contrarrazões (fls. 631 a 640) requer o improvimento do Recurso interposto, mantendo-se a decisão recorrida por seus próprios fundamentos.

Regularmente processado o apelo, esta é a síntese do essencial, motivo pelo qual encerro meu relato.

## Voto Vencido

Conselheiro Demes Brito, Relator.

O Recurso foi apresentado com observância do prazo previsto, bem como das formalidades regimentais e demais requisitos de admissibilidade. Sendo assim, dele tomo conhecimento e passo a decidir.

### DECIDO.

#### *Indenização de Seguros – Base de Cálculo do PIS e da Cofins*

Com efeito, a decisão recorrida entendeu que os valores recebidos a título de indenização de seguro devem integrar a base de cálculo das contribuições não cumulativas, uma vez que as exclusões da base de cálculo das referidas contribuições devem ser previstas em lei complementar, previsão esta que não se aplica à indenização securitária.

Por sua vez, a Contribuinte não coaduna com entendimento exarado pelas instâncias anteriores, aduz que a indenização recebida de seguradora por sinistro não faz parte de seu faturamento, isso porque, o faturamento nada mais é que a renda obtida das vendas de mercadorias.

No mesmo sentido, os acórdãos paradigmas consideram que os valores recebidos a título indenização de seguros não devem integrar a base de cálculo da contribuições não cumulativas, uma vez que os referidos valores não se subsumiriam ao conceito de receita, materialidade daquelas contribuições.

Sem embargo, às indenizações de seguro recebidas não afetam o patrimônio da Contribuinte tão pouco seu resultado operacional. Para ser receita, há que afetar o patrimônio da pessoa jurídica. A indenização de seguro tem a mesma natureza do bem sinistrado, já integrante do patrimônio do segurado, e não se confunde com alienação de bens porque o segurado não realizou operação mercantil alguma.

Corroborando este entendimento, esta E. Câmara Superior, no julgamento do Acórdão nº **9303006.220**, de 24/01/2018, entendeu que as indenizações de seguro trata-se de recuperação de valores que integram o ativo, não se pode considerar as indenizações de seguros como receitas para fins de incidência da contribuição do PIS e da COFINS. Vejamos:

*ASSUNTO: CONTRIBUIÇÃO PARA O FINANCIAMENTO DA SEGURIDADE SOCIAL COFINS*

*Período de apuração: 01/04/2005 a 30/06/2005*

*COFINS. BASE DE CÁLCULO. INDENIZAÇÃO DE SEGUROS.*

*Tratando-se de ingressos eventuais relativos a recuperação de valores que integram o ativo, não se pode considerar as indenizações de seguros como receitas para fins de incidência da contribuição do PIS.*

(Acórdão nº 9303006.220, de 24/01/2018, Conselheiro Relator Demes Brito ).

Ademais, não é possível incluir na base de cálculo do PIS e da COFINS outras receitas estranhas á atividade da Contribuinte, o próprio Supremo Tribunal Federal –STF, no julgamento do RE 390840/MG, declarou a inconstitucionalidade do parágrafo 1º do artigo 3º da lei nº 9.718/98.

***Atualização monetária e juros no ressarcimento de saldo credor de PIS e COFINS não cumulativos***

Com relação à questão da correção monetária e incidência da taxa Selic sobre os créditos de PIS e da COFINS, importante lembrar pela impossibilidade do pedido, face à expressa vedação por dispositivo legal, da Lei nº 10.833, de 29/12/2003 (conversão da MP 135, de 31/10/2003, que tratou da cofins não-cumulativa).

Ademais, esta discussão foi definitivamente dirimida por este Conselho, por meio da edição da Súmula nº 125. Vejamos:

**Súmula CARF nº 125**

*No ressarcimento da COFINS e da Contribuição para o PIS não cumulativas não incide correção monetária ou juros, nos termos dos artigos 13 e 15, VI, da Lei nº 10.833, de 2003.*

**Dispositivo**

*Ex positis*, dou parcial provimento ao Recurso da Contribuinte.

É como voto.

(assinado digitalmente)

Demes Brito

## Voto Vencedor

Conselheiro Andrada Márcio Canuto Natal – Redator designado.

Com o devido respeito ao voto do ilustre relator, mas discordo de seu voto na parte em que considerou que as despesas com seguros utilizados na armazenagem de seus produtos seriam insumos do seu processo produtivo.

Antes de entrar no mérito da questão, importante destacar que concordo com a argumentação teórica do ilustre relator, quando aborda o conceito de insumos com a interpretação proferida pelo STJ em sede de recurso repetitivo.

No entanto, discordo de que os seguros de seus produtos armazenados sejam insumos do seu processo produtivo a permitir a apuração de créditos da não cumulatividade com base no inciso II do art. 3º das Leis nº 10.637/2002 e 10.833/2003.

Conforme amplamente esclarecido no presente processo, trata-se de despesas de seguros arcadas pelo contribuinte quando o seu processo produtivo já havia se encerrado. O produto já está pronto para a venda e armazenado para esse fim. Portanto o ciclo produtivo já estava encerrado e não há como compreender que o seguro desse produto trataria-se de insumo, na concepção tratada pelas citadas leis.

Na verdade esta conclusão se torna mais clara, quando a própria lei, entendendo que as despesas de armazenagem não são insumos, estabeleceu em seu inc. IX do mesmo art. 3º a possibilidade de creditamento nos seguintes termos:

Art. 3º Do valor apurado na forma do art. 2º a pessoa jurídica poderá descontar créditos calculados em relação a:

(...)

II - bens e serviços, utilizados como insumo na prestação de serviços e na produção ou fabricação de bens ou produtos destinados à venda, inclusive combustíveis e lubrificantes, exceto em relação ao pagamento de que trata o [art. 2º da Lei nº 10.485, de 3 de julho de 2002](#), devido pelo fabricante ou importador, ao concessionário, pela intermediação ou entrega dos veículos classificados nas posições 87.03 e 87.04 da [Tipi](#);

(...)

IX - armazenagem de mercadoria e frete na operação de venda, nos casos dos incisos I e II, quando o ônus for suportado pelo vendedor.

(...)

É matéria de notório conhecimento que os insumos do processo produtivo são tratados no inc. II do art. 3º, acima transcrito, e que os demais créditos permitidos (não são insumos) estão elencados nos demais incisos do mesmo art. 3º. Assim é que a lei permite creditamento autônomo sobre armazenagem de mercadoria, portanto sobre a nota fiscal paga a título de armazenagem de mercadorias.

Portanto, não há como interpretar que as despesas de seguros na armazenagem de mercadorias são insumos do processo produtivo.

Diante do exposto, voto por negar provimento ao recurso especial interposto pelo contribuinte.

*(documento assinado digitalmente)*

Andrade Márcio Canuto Natal